Antologia Selvagem:
um bestiário da poesia brasileira

Alexandre Bonafim
Cláudio Daniel
Fábio Júlio
(org.)

Antologia Selvagem:
um bestiário da poesia brasileira

Cavalo Azul

Copyright © 2024 *by* EDITORA CAVALO AZUL - Rua Demar Tozzi, 251 - Bairro São Joaquim - Franca - SP/CEP 14406-358
editoracavaloazul@gmail.com /editoracavaloazul

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

Editora-chefe:
Ana de Eurípia Felizardo

Conselho Editorial Acadêmico:
Dr. Alexandre Bonafim/ Diretor do conselho (UEG)
Dra. Juliana Florentino (USP) - Dra. Marília Silva Vieira Pereira (UEG) - Dra. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (UFG)

Conselho Editorial Literário - *escritores e poetas*
Alexandre Bonafim/ Diretor do conselho
Ronaldo Cagiano - Roberval Pereyr - Luíza Mendes Furia - André Seffrin

Ilustração e composição de capa:

José Joaquim Gomes Neto

Organização, seleção, prefácio, diagramação: *Alexandre Bonafim.*

Demais organizadores: *Cláudio Daniel e Fábio Júlio*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Antologia selvagem: um bestiário da poesia brasileira/ Alexandre Bonafim, Cláudio Daniel e Fábio Júlio (org.) – 1. ed. – Franca, SP : Cavalo Azul, 2025.

140 p.; 21cm.

ISBN

1. Poesia brasileira I. Título.

CDD B869.1

1. Poesia : Literatura brasileira
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Entre pássaros e libélulas

Brian Kibuuka

Ontem eu vi um cavalo com sede de abismo
mordendo as beiradas do vento.
Vi também uma formiga carregando o mundo
em forma de farelo.
— E ninguém aplaudiu.

Mas eles não se importaram -
bichos não falam, nem mentem:
eles mastigam a existência
com a boca cheia de mundo.

Por isso, eu queria ser um pouco mais ave,
um pouco menos gente.
Cantar sem motivo,
farejar o invisível,
dormir ao lado da relva
sem perguntar quem vai me amar amanhã.

Porque bicho que é bicho
ama com o corpo inteiro,

e quando morre
se deita no chão
sem precisar inventar o céu.

— Com licença:
vou ali conversar com uma libélula.
Porque conversas com libélulas rendem bons silêncios.